

JOGADORES NEGROS DE FUTEBOL AMADOR: PERCEPÇÕES SOBRE IMAGEM CORPORAL, REPRESENTATIVIDADE E SAÚDE

BLACK AMATEUR FOOTBALL PLAYERS: PERCEPTIONS ON BODY IMAGE,
REPRESENTATIVENESS, AND HEALTH

Nárgila Mara da Silva Bento

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília (UnB), mestra em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco-PE (UNIVASF), especialista em Psicologia Aplicada à Educação e em Educação à distância, membro do NECON (Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza da Universidade de Brasília), E-mail: nargilabento@gmail.com

Yonara Maria Rodrigues da Silva

Graduada em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Regional do Cariri (URCA), Departamento de Educação Física, Iguatu-Ceará, E-mail: yonara.rodrigues18@gmail.com

Natália Heringer Mendonça

Mestre em Ciências Sociais e Ética pela Université de Strasbourg (UNISTRA), Departamento de Ciências Sociais, Estrasburgo-França, graduada em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB), membro do NECON (Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza da Universidade de Brasília), E-mail: heringer.natalia@gmail.com

Resumo

Dentre as práticas corporais mais populares no Brasil, o futebol é o esporte mais praticado no país. Partindo disso, esse trabalho elegeu o futebol amador como prática corporal para estudar o corpo negro na sua interseção com os aspectos socioculturais e políticos dessa

modalidade esportiva. O estudo teve como objetivo analisar as percepções dos jogadores sobre a imagem corporal do corpo negro no futebol amador e suas implicações sociais e no futebol. Efetuou-se de um estudo transversal, descritivo, com o uso de dados qualitativos, realizado por meio virtual com 10 atletas praticantes do futebol amador, todos do gênero masculino e desportistas de quatro clubes amadores. Conforme os resultados, os praticantes do futebol amador buscam o esporte como forma de lazer, saúde e inclusão social. Além disso, continuam sofrendo preconceito e discriminação racial durante a realização das partidas. Conclui-se ser necessário o aprofundamento de reflexões e de pesquisas futuras que estimulem mudanças em como a sociedade enxerga esse atleta, viabilizando a expansão de conhecimentos que superem estereótipos racistas atribuídos ao corpo negro.

Palavras-chave: Corpo Negro; Futebol Amador; Saúde; Imagem Corporal.

Abstract

Among the most popular bodily practices in Brazil, football is the most practiced sport in the country. Based on this, we chose to focus on amateur football as a bodily practice in order to study the black body in its intersection with the socio-cultural and political aspects of this sport. The study aimed to analyze players' perceptions of the body image of the black body in amateur football and its implications for both society and football. A cross-sectional, descriptive study was carried out using qualitative data. It was applied by virtual means with 10 male athletes practicing amateur football, from four amateur clubs. According to the results, amateur football players seek the sport as a form of leisure, health, and social inclusion. In addition, they continue to suffer prejudice and racial discrimination during matches. It is concluded that it is necessary to deepen reflections and future research that stimulate changes in how society sees this athlete, enabling the expansion of knowledge that overcomes racist stereotypes attributed to the black body.

Keywords: Black Body; Amateur Football; Health; Body Image.

1 INTRODUÇÃO

As práticas corporais são muito comuns no Brasil, estando ligadas à formação cultural e à história do nosso povo. Partindo disso, esse trabalho elegeu o futebol amador como prática corporal para estudar o corpo negro na sua interseção com os aspectos socioculturais e políticos dessa modalidade esportiva, pois ele é o esporte mais praticado no Brasil (GENO-GRADUANDO, 2010). Por meio dele, surgem vínculos de amizade, conversas e debates de assuntos polêmicos, seja por um lance acontecido na partida, brigas de torcidas ou atos de racismo.

O futebol foi trazido da Inglaterra para o Brasil no século XIX, época em que apenas a elite branca podia praticar esse esporte. As pessoas negras não eram aceitas em partidas

ou clubes. Tempos depois, o esporte passou a popularizar-se e as classes sociais mais baixas começaram a aprender e a praticar o futebol, até que alguns clubes aceitaram a presença de negros e operários, sendo o time do Vasco da Gama o pioneiro (FILHO et al., 1996).

No Brasil contemporâneo, o futebol é praticado com muita frequência, de forma profissional e amadora, com um misto sociocultural, o que nutre o mito de que haveria uma democracia racial no país. Podem ser observados, frequentemente, indivíduos de diferentes classes sociais, perfis raciais e crenças momentaneamente em suposta relação de igualdade através de um sistema de comunicação que os leva a abraços e conversas informais nos estádios, ruas, universidades, entre outras. Em revanche, é no futebol onde podem ser vistos os maiores atos de racismo acontecidos na sociedade atual, em que jogadores sofrem agressões verbais ou físicas por conta de características étnico-raciais, por ter um corpo negro, ou pela cultura em que ele possa estar inserido (PAIVA, 2013).

Portanto, partimos do ponto de que o corpo negro no futebol está marcado por diversos aspectos históricos, sociais e culturais, além de que, refletindo sobre essa temática, podemos repensar e ressignificar espaços historicamente construídos. Por tais motivos, essa pesquisa teve como objetivo analisar as percepções dos jogadores sobre a imagem corporal do corpo negro no futebol amador e suas implicações sociais e no futebol.

1.1 NOÇÕES INICIAIS PARA SE DEBATER A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL

O corpo é um elemento privilegiado para entender as práticas sociais e a constituição ideológica de nossas sociedades. São comuns afirmações estereotipadas sobre o corpo negro, por exemplo, de que ele teria maior adequação às Danças, práticas do futebol e gingas. Essa ideia é propagada pelas novelas, mídias sociais e noticiários esportivos e compõe uma ideologia sobre estes corpos ainda muito arraigada a noções que ancoraram a exploração escravocrata da população negra pela branca, com base em concepções que valorizavam a fisicalidade do corpo negro e o qualificavam como apto ao trabalho pesado e ao ato sexual, ao passo que desqualificavam o intelecto das pessoas negras. A realidade social traçada sobre os corpos negros ainda possui sua posição reprodutora do racismo no Brasil (PAIVA, 2013).

A partir disso, a construção da imagem corporal do jogador negro, baseada na sociologia do corpo, se deu através da modulação social e cultural em que o indivíduo está inserido. Vale mencionar que a imagem corporal pode ser entendida como o aspecto

característico desenvolvido e organizado que um indivíduo amadurece em mente sobre sua autoimagem, baseados em experiências vivenciadas, no qual ele concretiza um alusivo do seu próprio corpo, que por sua vez sofre alterações e influências contínuas e estão diretamente ligados aos aspectos sociais, afetivo-emocionais e mentais (MENDES; CAMPOS; RUBINI, 2013).

Neste trilhar, a imagem corporal é definida por Mendes, Campos e Rubini (2013), como uma figura formulada que um ser sintetiza a respeito dele próprio, chegando a esta imagética através de sentidos e sensações. Para resultar nesse acontecimento não bastaria haver somente percepções, mas ainda o envolvimento de um grupo de representações mentais, emocionais, afetivas para concretização sobre a imagem corporal dele próprio. Todos estes elementos se nutrem de interações e práticas sociais diárias, como a prática de esportes, e são capturados pelos indivíduos, que então formam a sua percepção de si – por exemplo, a de ser uma pessoa negra praticante de futebol – e seus desdobramentos.

3 METODOLOGIA

A pesquisa trata-se de um estudo transversal, descritivo e com a utilização de dados qualitativos. O estudo foi realizado no município de Iguatu-CE com 10 atletas praticantes assíduos do futebol amador. Seis atletas tinham a faixa etária de 20 a 25 anos, dois entre 18 e 20 anos e dois entre 25 e 30 anos. Quanto ao tempo de prática, seis são praticantes há 14 anos ou mais, dois há 8 anos e dois há 15 anos.

Todos os atletas são desportistas dos quatro times locais com mais quantitativos de pessoas negras. Como critério de inclusão, os atletas deveriam ser todos negros, do gênero masculino, maiores de 18 anos, atletas amadores (não ter o esporte como profissão). A amostra foi não probabilística intencional. Foram excluídos atletas brancos e os que não assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), ou que desistiram de participar da pesquisa.

A coleta de dados aconteceu por meio virtual devido à pandemia de covid-19. Foi utilizado um questionário estruturado digital pela plataforma *Google Forms*. Este questionário foi composto por 13 perguntas entre subjetivas e objetivas com intuito de identificar, compreender e analisar as percepções da imagem corporal do corpo negro em jogadores de futebol amador na cidade de Iguatu-CE. O formulário foi enviado aos participantes por meio do *WhatsApp*, sem qualquer contato físico.

O questionário foi dividido em quatro etapas: a primeira foi a caracterização dos participantes da pesquisa. A segunda: as percepções dos jogadores em relação a sua imagem corporal e implicações. A terceira abordou as representações do corpo negro e, a quarta etapa, a relação das redes midiáticas com o corpo negro no futebol.

A análise de dados foi obtida por meio das respostas disponibilizadas pelos participantes deste estudo, examinadas através da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Todos os participantes assinaram o TCLE e declararam que leram e concordaram com o documento. O sigilo dos dados fora mantido e os nomes foram referenciados com as letras de jogador (J) e a numeração das respostas, evitando qualquer constrangimento durante a pesquisa. Além disso, no formulário não foi necessário identificação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme as repostas dos participantes, apresentaremos em sequência as três categorias interpretadas, seguidas dos resultados e das discussões.

4.1 As percepções dos jogadores em relação a sua imagem corporal e as implicações do futebol no seu corpo e saúde.

A primeira categoria deste estudo exprime as percepções dos jogadores em relação a sua imagem corporal e as implicações do futebol nos seus corpos e na sua saúde.

Quadro 1 – Percepções dos jogadores em relação a sua imagem corporal e as implicações do futebol no seu corpo e saúde

Categoria	Respostas	Frequência
Quais as percepções dos jogadores em relação a sua imagem corporal e as implicações do futebol no seu corpo e saúde?	Lazer e saúde	J1, J4, J5, J7, J8, J10- (6)
	Me proporciona saúde	J2, J3, J9- (3)
	Manter o físico	J6- (1)

Fonte: construção das autoras

A partir do questionamento feito sobre quais são as percepções e implicações do futebol para o seu corpo e a sua saúde, seis dos participantes, disseram que o futebol proporciona “lazer e saúde”. Dumazedier (1979, p.12) conceitua Lazer como um “conjunto de ocupações, às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se [...] após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais”. A fruição do lazer em sua relação com aspectos corporais também dinamiza as teias de (re)significações feitas pelos indivíduos, pois o corpo, além de sua função necessária para a vida humana, destaca-se também como significante para construção e identificação das representações individuais ou sociais de cada indivíduo (JUSTO; CAMARGO, 2013).

Observemos que, para uma parte importante dos participantes da pesquisa, o lazer aparece associado à saúde. Essa percepção pode indicar um alinhamento com a noção de que saúde e lazer não são apenas complementares, mas integram uma à outra, numa relação em que lazer promove saúde e, conseqüentemente, esta gera as condições de se praticar do lazer. Dentre estas práticas, o futebol proporciona, de acordo com Silva (2011), saúde, bem-estar e lazer aos seus praticantes, uma vez que é nesse esporte que os atletas amadores buscam a diversão e promoção de saúde de forma prazerosa.

Através do futebol, os praticantes conseguem manter-se em bom estado de saúde, como foi destacado por três dos participantes ao declararem que ele “proporciona saúde”. Conforme destacado por Silva et al. (2012), a atividade física regular diminui os riscos de morbidades e gera maior qualidade de vida aos seus praticantes. Mas além disso, como definido por Fassin (2000), a saúde é uma interação entre o físico, a psique, o social e o político, não constituindo um estado pré-existente ao ser humano, mas, ao contrário, sendo uma construção histórica da coletividade. Em nossa sociedade, por exemplo, é popular a ideia de que um indivíduo que pratica atividades físicas e busca manter suas taxas dentro dos limites recomendados pela medicina seria alguém saudável, noção esta que nem sempre existiu e pode vir ser modificada por outro paradigma.

A saúde é uma noção que reflete nos seres humanos a ideia de estarem em conformidade com o ordenamento social, pois alguém está saudável de acordo com o que o grupo considera saudável, consistindo, portanto, em uma adequação social, sendo uma forma de inclusão. Inseridos neste espectro da saúde, os esportes geram a sensação de bem-estar e prazer aos praticantes, sendo essencial lembrarmos que a mente está diretamente ligada ao desempenho dos nossos corpos, equilíbrio da saúde mental e física, aspectos que são importantes para o desenvolvimento das atividades do dia a dia (WERLE,

2018).

Entretanto, as percepções aliadas à promoção da saúde ou à dupla lazer e saúde não foram as únicas manifestadas na pesquisa. Um dos participantes expressou a relação da imagem corporal e do futebol associada à ideia de “manter o físico”. É comum, em especial entre os mais jovens, o desejo por uma aparência como a de jogadores profissionais, um corpo com alta porcentagem de massa magra e musculatura definida. O futebol contribui para alcançar essa forma corporal através do movimento constante que a partida exige dos atletas.

O esporte é um fator significativo no amadurecimento da autoimagem, pois ele vem a somar nas vivências e mudanças que podem acontecer em um corpo. A imagem corporal consiste em como um indivíduo sintetiza, em mente, a própria imagem de si, como um ser que, ao se olhar em um espelho, consegue se ver e se sentir – e é com base nas sensações que podemos criar nossa autoimagem (GONÇALVES; CAMPANA; TAVARES, 2012). Nesse processo, a autoimagem que formamos é comparada por nós e pelos outros com as imagens corporais tidas como referências sociais; eis a representatividade do físico do atleta profissional para os amadores.

Contudo, aquele corpo de musculatura definida e alto percentual de massa magra se justifica por meio do discurso do corpo saudável, hoje ancorado no “imperativo de saúde” (RAIL; JETTE, 2015), uma ideia de que o corpo é algo a ser, a todo tempo, controlado, regulado, mensurado, examinado para manter a saúde, o que é uma tarefa de todo indivíduo. Um cidadão bom, em essência, não causa prejuízo à sociedade e, portanto, se responsabiliza por manter sua saúde. Aqui há um padrão moral do qual se desdobra um padrão estético.

Essa questão da conformidade estética veio a se manifestar na sequência do nosso questionário. Quando perguntado aos atletas como eles se viam em relação ao seu corpo, quatro dos participantes responderam “gosto muito do meu corpo”; outros quatro responderam “me sinto muito saudável”; e dois dos participantes responderam “me sinto completo com meu corpo da forma que ele está”.

Nas respostas, vemos que vários atletas negros estão satisfeitos com seus corpos e buscamos refletir sobre essa satisfação. Muitos atletas amadores podem se sentir bem com seu físico porque, além de buscar o futebol como fonte de benefícios para saúde e estética, alguns estendem os cuidados com a saúde aos momentos fora dos gramados, com alimentação regrada e treinos em academia ou com profissionais para campeonatos locais, pois muitos querem estar preparados para ganhar títulos (DANIEL; COSMO; NAVARRO,

2010). Mas além disso, a satisfação com a aparência é um sentimento que corresponde à adequação ao padrão estético. Tal sentimento não surge do nada; ele está inscrito no sistema de significados que uma sociedade dispõe (LE BRETON, 2009) e é expresso pela pessoa em ressonância com a expectativa social que a ele está vinculada.

Assim, estar em acordo com o que a coletividade espera gera satisfação no indivíduo e aceitação no grupo. Essa consonância com a ordem social se reflete, por exemplo, na receptividade que estes corpos encontram na coletividade enquanto atletas. Tal é o caso que, quando perguntados se já teriam sofrido preconceito em relação ao seu corpo, 100% dos participantes responderam que não, consoante ao entendimento de que o corpo atlético é desejado e valorizado na sociedade contemporânea, mostrando que, paradoxalmente, os mesmos atletas que sofrem preconceito racial são bem vistos pela sua forma física.

4.2 As representações do corpo negro para os jogadores de futebol amador

As representações ligadas ao corpo negro caracterizam-se como a segunda categoria de análise de dados. Serão apresentados no quadro abaixo as representações do corpo negro para os jogadores de futebol amador conforme as perguntas: como o corpo negro de jogadores de futebol amador é visto pela comunidade ou sociedade de Iguatu? Como o corpo negro é visto pela sociedade no contexto geral? Você já sofreu algum tipo de preconceito, discriminação ou racismo no futebol? Qual é a representação que jogadores negros no futebol profissional influenciam no futebol amador? Seguem as respostas cedidas pelos participantes desta pesquisa.

Quadro 2 – As representações do corpo negro para os jogadores de futebol amador

Categoria	Respostas	Frequência
Quais as representações do corpo negro para os jogadores de futebol amador?	Lazer	J2, J4, J7, J9- (4)
	Discriminação	J3, J8, J10- (3)
	Saúde	J5- (1)
	Desocupado	J1- (1)
	Normal	J6- (1)

Fonte: construção das autoras

As representações do corpo acontecem de diversas formas e o corpo negro, nessa perspectiva, é representado em conexão com o futebol amador. Esse esporte é um meio de lazer e entretenimento no que se refere as relações sociais. Os atletas, embora tenham ganhado espaço e sejam representados por negros nos clubes de elite, ainda sofrem com a superior quantidade de brancos, seja no futebol amador ou profissional, deixando claro a presença do racismo e preconceito no meio esportivo (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2018).

Conforme a primeira pergunta, sobre como o corpo negro de jogadores de futebol amador é visto pela comunidade ou sociedade de Iguatu-CE, a primeira resposta a se destacar foi “como lazer”. Nesse tema, Reis (2006) aponta que o futebol amador se originou e ganhou espaço, ao longo dos anos, como atividade que propicia lazer a seus praticantes e, com a popularização e incentivos da mídia, se tornou uma “mania” nacional.

Contudo, este não foi o destaque dado por outros três participantes, para quem a representação do corpo negro no futebol amador está ligada à discriminação. O racismo se mantém através das contraposições entre semelhanças e contrastes fenotípicos, seja por cor, aparências, costumes ou diferenças morfológicas. Mas, do ponto de vista da genética, após o avanço de pesquisas nessa área, o conceito raça deixou de ser entendido como um fator biológico para se tornar um aspecto ligado às construções sociais (ABRAHÃO; SOARES, 2012). Nesse sentido, em sua análise fenomenológica sobre o lugar do “não-ser” dado ao corpo negro em sociedades coloniais, Fanon (2008, p. 90) afirma que “é o racista que cria o inferiorizado” e constrói o discurso político sobre o humano enquanto destitui o negro de sua humanidade.

Podemos ainda ver estas manifestações de racismo sob o ângulo do que Mauss (1980) chama de expressão obrigatória dos sentimentos, uma linguagem ritualizada que exprime o ordenamento social, um código compartilhado por uma determinada coletividade e que a reafirma. Partindo desse ponto, podemos entender o ímpeto de manifestações racistas como a expressão um sentimento que tem, em sua origem, a função de demarcar a assimetria das relações de poder, servindo para reproduzir essa assimetria e manter a pessoa negra numa posição inferior em relação à branca desde os tempos coloniais até os dias de hoje.

No tocante à qualidade de vida, um de seus importantes fatores, a saúde, foi mencionada por um dos entrevistados. O Brasil é conhecido como país do futebol dada a sua popularidade e quantidade de praticantes. Seu impacto positivo na saúde – vez que a atividade física assídua previne doenças oriundas do sedentarismo, como obesidade, diabetes tipo 2, problemas articulares e arteriais – se torna ainda mais relevante se visto na

interseccionalidade com classe e raça na sociedade brasileira. Segundo o IBGE (2019), os negros (soma dos pretos e pardos) constituem 55,8% da nossa população, mas ocupam suas camadas mais empobrecidas, sendo eles a maioria entre os 10% mais pobres (75,2%) e a minoria entre os 10% mais ricos (27,7%). Nesse contexto, por ser um esporte acessível financeiramente, o futebol é potencialmente inclusivo e contribui para a saúde da população negra do país.

Maioria entre os mais pobres e minoria entre os mais ricos, a população negra ainda sofre estigmas como o retratado por um dos participantes da pesquisa, que expressou a percepção de que jogadores negros são representados pela sociedade como desocupados. Faz-se mister ressaltar que tal discriminação advém do período não apenas de escravidão, mas de sua abolição, marcada pela inexistência de políticas de inclusão voltadas à população negra. Ao contrário, o que houve foi a perpetuação de políticas discriminatórias que reforçaram, entre outras representações preconceituosas, a visão do negro como desocupado, conforme reportado por Maíra Brito (2018, p. 98):

O decreto-lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941, estabeleceu ociosidade como crime e passou a punir a vadiagem com prisão de até 3 meses. Compunham o quadro de “contraventores”, pobres, desempregados e pessoas sem documentos. Apesar da escassez de dados, sabe-se que a maioria das pessoas presas como “vadias” eram negras (pretas e pardas) por – até hoje – representarem a maioria da população pobre e desempregada.

Como visto nos achados acima, é notório o quanto o racismo é sentido pelas pessoas negras, estando presente no nosso dia a dia e em diversos meios sociais. Assim, raça é um fator estruturante em nossa sociedade por privilegiar uns e causar desvantagem a outros, caracterizando a “branquitude”. Esta é, segundo Frankenberg (2004), um aspecto típico da sociedade estruturada na dominação racial que dispõe aos brancos uma posição de vantagem nesta estrutura. Nela, a manutenção de desigualdades mantém a hierarquia social, pois os atributos que conferem uma falsa superioridade a determinados grupos permanecem restritos, os colocando como superiores enquanto estabelece outros como inferiores. Isso condiciona a formação de classes do país e se reflete nas questões de gênero – por isso falamos em interseccionalidade –, se transportando para todos os momentos da vida, desde atividades formais até as de lazer, esporte e condições de saúde.

Prosseguimos então para a última pergunta deste bloco, que questionou qual é a influência que a representação de jogadores negros no futebol profissional exerce nos atletas de futebol amador. As respostas foram descritas da seguinte forma: três deles

disseram que ela exerce muitas influências, três falaram que sentem orgulho da cor por estar sendo representada nos grandes clubes, dois manifestaram a influência de se tornar mais forte no sentido de ir atrás dos objetivos, um falou que tem sentimento de representatividade apenas e um falou que nenhuma influência.

Essas respostas nos levam a refletir sobre como o futebol é importante para a coletividade, pois ele – aqui damos destaque ao futebol – se faz presente em todas as classes sociais e, ainda que não elimine as discriminações, contribui para integrar pessoas de perfis raciais distintos. Os amantes deste esporte podem se sentir mais representados (COSTA; ZINELLI; MARQUES, 2017). Sendo assim, o jogador amador negro tem a possibilidade de enxergar no jogador profissional negro um representante. Isso pode exercer um importante impacto social e no indivíduo enquanto sujeito de si.

4.3 A relação das redes midiáticas com o corpo negro no futebol amador

A relação da mídia com o tema do corpo negro no futebol constitui o último tópico das análises dessa pesquisa, onde iremos expor as ideias dos praticantes a partir das perguntas: de que forma as redes sociais midiáticas influenciam o corpo do jogador negro no futebol? Para você, tem algum atleta negro do futebol que você considera ídolo? Sobre os casos de racismo que aconteceram e continuam acontecendo no futebol, você como um negro e desportista, manifesta algum tipo de sentimento ou opinião? Abaixo, serão apresentadas as respostas e frequências com que aparecem na categoria.

Quadro 3 – As relações das redes sociais midiáticas com corpo negro no futebol amador

Categoria	Respostas	Frequência
Quais as relações das redes sociais midiáticas com corpo negro no futebol amador?	Porte físico de atleta	J1, J2, J3 (3)
	Estilo	J4, J8, J9 (3)
	Representatividade	J5, J7, J10 (3)
	Nenhuma	J6- (1)

Fonte: construção das autoras

Nessa categoria vemos, a partir das respostas, que as redes midiáticas influenciam o corpo do jogador negro no futebol em três aspectos: no porte físico do atleta, no estilo e na representatividade. Apenas um participante respondeu não perceber nenhuma relação.

Para iniciar a abordagem da relação entre mídia e corpo, recorremos a Silva et al., (2018) segundo os quais a visão sobre o corpo vem sofrendo alterações ao longo dos anos, de modo que, no sistema capitalista vigente, a ideia de corpo perfeito foi vendida pela mídia e comprada pela sociedade. Isso nos leva a perceber as diferenças dos padrões antigos de corpos quando comparados com corpos contemporâneos. Se o ideal de corpo atual, como dito anteriormente, segue o padrão de beleza que enaltece o físico magro e atlético, é através da mídia que esse padrão é reforçado e ganha aderência social a cada dia.

A mídia tem grande influência no desejo de ter um corpo atlético ao veicular massivamente a imagem de heróis, ídolos e idealizando essa noção para uma parte da torcida jovem ou adulta. Corpos magros e estrutura muscular definida são a imagem que é repassada e associada diretamente ao sucesso, o que se torna desejado pela maioria dos jovens (RUBIO, 2009).

Os meios midiáticos são a vitrine que populariza os estilos usados pelos atletas, seja de vestimentas, cabelos ou de calçados. Soma-se a isso o fato de que, junto ao mercado midiático, o esporte se tornou uma fonte de renda diferenciada para clubes de futebol, que investem em produtos de marca própria, especialmente para propaganda dos seus produtos, utilizando os jogadores como garotos propagandas. Com a personificação do atleta através da mídia, se gera algo atraente para os espectadores e torcedores, fazendo com que não só os produtos sejam desejados, mas os físicos atléticos também sejam copiados (MEZZARROBA; ZOBOLI; CORREIA, 2018).

Por outro lado, comparada ao passado, a exposição nos meios de comunicação e a representatividade do negro no futebol aumentou bastante. Ainda que encarando o racismo, isso gera nos torcedores um sentimento de ser representado por ter no elenco de grandes clubes pessoas negras como Ronaldinho Gaúcho, Pelé, Daniel Alves, entre outros, e pessoas como estas sendo destaque no futebol e nas mídias (SILVA, 2014). Como é falado por um participante da pesquisa J10: “Dá pra se sentir representado, ver gente na nossa mesma cor fazendo sucesso lá nos times grandes, gera sensação de estar sendo representado”.

A segunda pergunta dessa categoria nos ajuda a abordar os casos de racismo que continuam acontecendo no futebol. A partir das respostas dos participantes, compreendemos que existe o sentimento de revolta quanto aos casos de racismo e

preconceito cometidos no futebol. Isso é destacado na resposta de J3: “o sentimento de injustiça e falta de respeito define”; do participante J5: “tanta coisa já mudou, e isso é algo lá do tempo dos escravos ainda permanecem nos dias de hoje”; e do participante J7: “a cada caso visto na tv, na internet, me causa sentimento de revolta, não há necessidade de tanta violência em palavras e físicas, só por causa de uma cor”.

Silva e Paula (2020) relata que o racismo no Brasil tem uma presença assustadora na sociedade, sendo muito frequente as arquibancadas e as torcidas organizadas manifestarem ofensas contra jogadores ou árbitros negros. Isso se amplia com a falta de investigação e punição. Os ofensores, por sua vez, regozijam-se na certeza da impunidade, pois vivem em uma sociedade em que o racismo é parte de uma lógica, uma forma de pensar, que encontra espaço para se expressar no meio social que a ele deu origem, como mencionado por Le Breton (2009, p. 150): “No terror que contagia uma multidão, na raiva racista ou nas manifestações de furor individual ou coletivo, não há triunfo da ‘irracionalidade’ ou da ‘natureza’, mas a aplicação de um raciocínio e de uma lógica mental ao meio social”.

Os debates raciais e étnicos veiculados nas grandes mídias não são suficientes para desbancar a discriminação. Em alguns casos, nem há espaço para esse debate, precisando ser, portanto, entendida a sua necessidade (GOMES, 2012). Esse necessário exercício de reflexão deve estar consciente – e se propor a ultrapassar – o fato de que a nossa sociedade traz consigo grandes marcas da desigualdade que foram desenhadas com o andar da história e que estruturam o momento presente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o objetivo geral da pesquisa de analisar as percepções sobre a imagem corporal do corpo negro no futebol amador e suas implicações no futebol, concluímos, a partir da análise realizada, que os praticantes do futebol amador buscam o esporte como forma de lazer, saúde e inclusão social. Entretanto, eles continuam sofrendo preconceito e discriminação racial durante a realização de partidas.

De modo geral, foi possível perceber a presença do racismo no futebol amador. Os jogadores se sentem lesados com a falta de respeito com sua imagem, por consequência, afetando a sua autoimagem. Nele acontecem vários casos de discriminação e preconceito reproduzidos devido a uma configuração social que estrutura e é estruturada pelo racismo.

A mídia constitui um forte aliado na disseminação de conceitos sobre a imagem e personalidade dos atletas amadores, pois é um forte dispositivo de modulação social e cultural. Ao passo que ela se mostrou importante na veiculação de atletas famosos que aumentam a representatividade de jogadores negros, paradoxalmente, a mídia reforça estereótipos e preconceitos que impactam a vida dos atletas. Portanto, se torna necessário a luta diária pela valorização da diversidade, justiça, igualdade e respeito dentro dessa modalidade esportiva e em sua veiculação pelos meios de comunicação.

Diante do exposto, se faz necessário o aprofundamento de reflexões e pesquisas futuras, a fim de estimular mudanças em como a sociedade enxerga o atleta negro através do futebol, viabilizando a expansão de conhecimentos que fujam dos estereótipos de cunho racista atribuídos ao corpo negro. Além disso, fazem-se necessários mais estudos dentro desta abordagem, pois as discussões sobre pesquisas nessa temática são relativamente escassas se comparadas à importância da discussão do tema.

6 REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, p. 63-76, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Ed, 70. 2011.

BRITO, Máira de Deus. **Não. Ele não está**. Curitiba: Appris, 2018.

DANIEL, Marcela Furlam; COSMO, Gabriela Cristina; NAVARRO, Francisco. Avaliação do estado nutricional e consumo alimentar x gasto calórico de jogadores de futebol profissional da série D do campeonato Brasileiro de 2010 do Botafogo Futebol Clube, Ribeirão Preto, São Paulo. **Revista Brasileira de Nutrição Esportiva**, v. 4, n. 24, p. 1, 2010.

DUMAZEDIER, Joffre et al. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1979.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUfba, 2008.

FASSIN, Didier. Entre politiques du vivant et politiques de la vie: pour une anthropologie de la santé. **Anthropologie et sociétés**, v. 24, n. 1, p. 95-116, 2000.

FILHO, Mário. et al. RESENHA FILHO, M. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro, 1947 I. p. 56–61, 1996.

FRANKENBERG, Ruth. A miragem de uma branquidade não-marcada. In: WARE, Vron (org.). **Branquidade: identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, p. 307 – 338.

GENO-GRADUANDO, Francisco Carvalho. Fenômeno do futebol, o torcer globalmente. **Revista ComUnigranrio**. 2010.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: Ressignificando e politizando a raça. **Educação & Sociedade**, v. 33, p. 727-744, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf> Acesso em: 02 jul. 2022.

JUSTO, Ana Maria; VIZEU CAMARGO, Brígido. Corpo e cognições sociais. **Liberabit**, v. 19, n. 1, p. 21-32, 2013.

LE BRETON, David. **As Paixões Ordinárias: Antropologia das Emoções**. Petrópolis, Vozes, 2009.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Lazer e cultura: algumas aproximações. In: **Lazer e cultura**. Campinas: Alínea, 2007.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: FIGUEIRA, S. (org.). **Psicanálise e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 56-63.

MENDES, Ana Cristina Rodrigues.; CAMPOS, Helio José Bastos de Carneiro.; RUBINI, Ana Luíza Coelho. Concepções da imagem corporal entre praticantes e instrutores de musculação, fisiculturistas e estudantes de educação física da região metropolitana de Salvador-BA: uma análise sobre os níveis de satisfação com a forma física e a autopercepção corporal. Salvador: **EDUFBA**, p. 23-47, 2013.

MEZZARROBA, Cristiano; ZOBOLI, Fabio.; CORREIA, Elder Silva. A gestão do desejo dos corpos através da comunicação e mídia: um estudo panorâmico- monográfico dos periódicos da educação física brasileira. **Motrivivência**. Florianópolis-SC. V 30. No 55. P. 258-278. 2018.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza.; NASCIMENTO, Maria da Conceição. Psicologia e relações raciais: Sobre apagamentos e visibilidades. **Revista da ABPN**, 10(24), 216-240. (2018).

PAIVA, C. E. O habitus do corpo: futebol e negritude no Brasil. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, n. 17, 2013.

RAIL, Geneviève; JETTE, Shannon. Reflections on biopedagogies and/of public health: On bio-others, rescue missions, and social justice. **Cultural Studies? Critical Methodologies**, v. 15, n. 5, p. 327-336, 2015.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos. **Futebol e violência**. Campinas: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

RUBIO, Katia. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. Scripta Nova: **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Saúde Matern. Infant.**, Recife, 9 (3): 253-262, jul. / set, 2009.

SILVA, Joanna Lessa F. Futebol: amadorismo em tempos de profissionalismo. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 42, n. 1, , p. 64-76, jan/jun, 2011.

SILVA, Joyce Gonçalves da. Corporeidade e identidade, o corpo negro como espaço de significação. **Revista interdisciplinar em sociedade e humanidade**. Salvador-BA. V.17, n 3, p. 263-275. 2014.

SILVA, Rodrigo Batalha et al. Relação da prática de exercícios físicos e fatores associados às regulações motivacionais de adolescentes brasileiros. **Motricidade**, v. 8, n. 2, p. 8-21, 2012.

SILVA, Ana Flávia de Sousa et al. A magreza como normal, o normal como gordo: reflexões sobre o corpo e padrões de beleza contemporâneas. **Revista Família, ciclos de vida saúde no contexto social**. Vol.6, no-4, 2018.

WERLE, Verônica. Relações entre lazer e saúde em tempos de cultura somática. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 5, n. 2, p. 20-32, 2018

SOBRE OS AUTORES

Autor 1: Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Brasília (UnB). Mestra em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Vale do São Francisco-PE (UNIVASF), graduada em Licenciatura em Educação Física pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE-2012), Especialista em Psicologia Aplicada à Educação (2013) e Especialista em Educação à distância: fundamentos e ferramentas (2016), membro do NECON (Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza da Universidade de Brasília). E-mail: nargilabento@gmail.com

Autor 2: Graduada em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Regional do Cariri (URCA), Departamento de Educação Física, Iguatu-Ceará. E-mail: yonara.rodrigues18@gmail.com

Autor 3: Mestre em Ciências Sociais e Ética pela Université de Strasbourg (UNISTRA), França, graduada em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia pela Universidade de Brasília (UnB), membro do NECON (Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza da Universidade de Brasília), atua no Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT) na área de violência doméstica e familiar contra a mulher. E-mail: heringer.natalia@gmail.com